

DESENVOLVIMENTO LEXICAL DOS ALUNOS DO 9º ANO EM RELAÇÃO AO 6º ANO EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE SINOP-MT

SANTOS, Franciane Gobbi¹

Resumo - O presente artigo tem como objeto de estudo comparativo da diversidade lexical nas produções textuais de alunos de uma turma de 6º ano e outra de 9º ano do ensino fundamental da rede pública do município de Sinop/MT. Esta investigação, portanto, incide em observar o número total de palavras e o quanto estas são repetidas no decorrer da escrita de tais alunos, com o intuito de avaliar se no ensino da Língua Portuguesa há um desenvolvimento lexical considerável no período de interstício do 6º ao 9º anos. O trabalho justifica-se, dessa forma, pela necessidade de conhecer este nível linguístico dos alunos e possibilitar, a partir desta forma de investigação, o surgimento de atividades didáticas que envolvam a aquisição de diferentes léxicos e, ainda, situações de uso para empregá-los com propriedade de forma que passem a fazer parte do léxico individual de cada aluno.

Palavras-chave: desenvolvimento lexical; ensino fundamental; produção escrita.

Introdução

Quando se fala no ensino da Língua Portuguesa, depara-se com uma série de aspectos que precisam ser observados pelo professor: a leitura, a produção escrita, a produção oral, a gramática, a compreensão e análise textual e a adequação da competência comunicativa no convívio social.

Para dar conta de toda esta “carga”, o professor se apega aos exercícios, atividades, textos e correções, no entanto, não se deve esquecer que o pequeno aprendiz já é falante da língua quando chega à escola, e vem, entre outras coisas, para aquisição da escrita e da leitura.

Estas últimas serão bases fundamentais para aquisição das demais disciplinas. Neste ponto, destaca-se a afirmação de Bortoni-Ricardo (2016, p. 206) que diz que:

Se tomarmos como premissa que a competência oral dos alfabetizados lhes fornece subsídios para que possam realizar um trabalho criativo de construção de hipóteses, quando deparam com a necessidade de ler e escrever, podemos argumentar que é uma grande vantagem alfabetizar crianças em sua língua materna.

Mesmo com a vantagem de ser alfabetizado em sua língua materna, será que com toda esta aquisição de novos conhecimentos o aprendiz está ampliando seu léxico?

¹ Mestre pelo ProfLetras Unemat/Sinop/MT e professora da Escola Estadual Rosa dos Ventos do município de Sinop. francigobbi@hotmail.com

Assim, considerando tal questão, este estudo tem como escopo analisar produções textuais de alunos de 6º e 9º anos do ensino fundamental em escola pública, com o intuito de observar o desenvolvimento lexical em aquisição de Língua Portuguesa.

Este estudo encontra-se em consonância com os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, segundo os quais:

Considerando a densidade lexical dos universos especializados, em que a carga de sentidos novos supera a capacidade do receptor de processá-los, o domínio de amplo vocabulário cumpre papel essencial entre as habilidades do leitor proficiente. A escola deve, portanto, organizar situações didáticas para que o aluno possa aprender novas palavras e empregá-las com propriedade (BRASIL, 1998, p. 84).

Nessa perspectiva, a partir dos textos dos alunos e de acordo com a teoria especializada, investigou-se a diversidade lexical visando conhecer melhor esta área que necessita de uma avaliação mais específica, bem como contribuir para as pesquisas de outros professores que busquem possibilidades para ampliar as situações didáticas que envolvam a aquisição de novas palavras e formas de empregá-las com propriedade.

O léxico

Em princípio torna-se essencial conceituar o léxico para tratar-se do assunto que será apresentado neste artigo. Sabe-se, previamente, que o léxico é um conjunto de palavras que constitui um idioma.

É importante destacar que, antes de iniciarmos a busca por um conceito para léxico, de acordo com Vygotsky (1989, p.53), “um conceito não é uma formação isolada, imutável, mas uma parte ativa do processo intelectual, engajado constantemente em servir à comunicação, ao entendimento e à solução de problemas.”

Inicia-se com as definições mais antigas encontradas, assim Genouvrier e Peytard (1985) chamam de léxico individual aquele que o falante de uma língua conhece e utiliza. E de léxico global ou geral as demais unidades pertencentes ao léxico de uma língua.

O léxico reflete, de acordo com Preti (1989, p. 159),

a condição dinâmica da língua, já que, na sua (a língua) contínua renovação, é o léxico que exprime melhor a diversidade material, ideológica e a mobilidade das estruturas sociais, através do aparecimento de novos itens ou através da atribuição de novos significados aos já existentes.

Partindo da ideia simplória de conjunto de palavras, esta conceituação apresenta a relevância do léxico para a dinamicidade de uma língua.

Neste aspecto, observa-se que Vilela (1997, p. 31) compreende que

o léxico é, numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma dada comunidade linguística. Ou, numa perspectiva comunicativa, é o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam-se entre si.

Para Biderman (2001, p. 155),

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. O conhecimento humano se forma a partir da concepção de meio ambiente em que estamos inseridos e com o qual estamos interagindo. A percepção através dos sentidos e de outros recursos neurolinguísticos leva-nos à conceptualização do real. Essa conceptualização se consubstancia numa representação linguística – num símbolo ou signo verbal – que é a etapa final do processo cognitivo.

Nestes conceitos há muita semelhança, mesmo que tenham sido utilizados termos diferentes para caracterizar o léxico, eles afirmam, de modo geral, que se trata de uma representação linguística dos termos utilizados por uma comunidade de fala.

Já Mudiambo (2013, p. 47) considera léxico como “[...] o acervo de unidades lexicais de um determinado sistema linguístico, sob diversos aspectos”.

Desta maneira, é possível constatar que os conceitos vão se completando, a partir desta conceituação exposta pode-se extrair que o léxico é uma unidade de fala que contém em si a diversidade material, ideológica e a mobilidade das estruturas sociais pertencentes a um vernáculo, que carrega o conhecimento humano de uma geração atribuindo novos significados aos léxicos já existentes ou registrando novos itens.

Variação lexical

O ser humano, desde que inicia suas primeiras palavras, passa a agregar, com o contato com diferentes grupos de falantes, um número maior de termos a seu léxico individual. Esta ampliação do léxico de cada indivíduo, especificamente de cada criança e adolescente em fase escolar, é o escopo deste trabalho.

Considerando a amplitude do fenômeno variação neste país e as peculiaridades socio-culturais, um estudo da variação linguística assume um significado passível de manifestação

em qualquer nível do sistema linguístico, sendo eles: fonológico, sintático, semântico e até no plano discursivo.

O lexical é o nível linguístico mais instável, aberto e suscetível às alterações sociais, sendo este diretamente relacionado com a cultura e a sociedade. É através do léxico que se materializam as crenças, os costumes e os hábitos de um povo.

Em outras palavras, a cultura de uma sociedade está refletida em seu léxico e a utilização deste por falantes de diversos grupos expande, transmite e incorpora novos itens pertencentes à cultura destes grupos, bem como amplia o léxico individual de cada um dos falantes inseridos nos grupos.

Neste estudo interessa-se apenas à variação lexical, isto é, conhecimento lexical dos estudantes de Língua Portuguesa em escola pública e a possibilidade de mensurar e comparar o desenvolvimento e a diversidade do léxico destes falantes em fase escolar.

A variação ou diversidade lexical é um indicador de desenvolvimento linguístico associado à quantificação da variedade de palavras empregues em um determinado texto, ou seja, quanto maior a variação de palavras, maior a diversidade (MALVERN *et al.*, 2004 apud SANTOS *et al.*, 2018).

Conforme Martins (2016, p. 1070),

Ransdell e Wengelin (2003 *apud* MCNAMARA *et al.*, 2010, p. 57) sugerem que quanto maior é a diversidade lexical, mais patente é a competência linguística do falante/escritor. Por isso, pode-se concluir que um conhecimento limitado do vocabulário conduz à repetição e, conseqüentemente, reduz a complexidade de um texto.

De acordo com Santos (2018), a diversidade lexical tem sido investigada em estudos sobre a aquisição de língua materna (LE NORMAND *et al.*, 2008; SCHERER *et al.*, 2002; SCHERER e SOUZA, 2011), análises contrastivas entre texto oral e texto escrito (RODRIGUES, 2008), ou ainda em estudos sobre textos escolares (MARTINS, 2016; JOHANSSON, 2008).

Para aferição da diversidade lexical são aplicadas diversas formas, não há um método unificado, embora a literatura especializada reconheça a relevância da medição e proponha metodologias para a obtenção da mesma (SANTOS, 2018).

A aferição mais clássica é encontrada no método desenvolvido por Templin (1957 *apud* MARTINS, 2016, p. 1070),

para quem a diversidade consiste na razão entre o número total de diferentes palavras, isto é, *types*, e o número total de palavras, *tokens*. Esta medida é também conhecida

simplesmente por TTR, forma abreviada da expressão em inglês *type-token ratio*. Para que um texto apresente uma alta taxa de diversidade lexical, o escritor deve recorrer a palavras variadas e evitar a repetição, motivo pelo qual a diversidade lexical é habitualmente associada à noção de produtividade.

O ensino do léxico nos Parâmetros Curriculares Nacionais

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, doravante PCNLP, são, ainda, os documentos oficiais de maior importância para a prática educacional. Desta forma, para este trabalho, observou-se como este documento apresenta o ensino do léxico.

Os PCNLP, especificamente do terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, apresentam já nos objetivos gerais, para o ensino fundamental, a necessidade de “[...] ampliação do léxico e de suas respectivas redes semânticas” (BRASIL, 1998, p. 32-33), a qual é vista como um meio para se promover o desenvolvimento dos esquemas cognitivos do aluno.

Nos itens que envolvem os conteúdos também ocorrem referência ao léxico. Com o objetivo de promover o domínio das práticas discursivas, são propostas atividades centradas no uso, neste contexto os PCNLP preveem que o ensino da língua “deve se dar num espaço em que as práticas de uso da linguagem sejam compreendidas em sua dimensão histórica” (BRASIL, 1998, p. 34), para tanto, disponibilizam um esquema no qual articula-se os conteúdos de Língua Portuguesa em torno de dois eixos básicos: o uso da língua oral e escrita e a reflexão sobre a língua e a linguagem.

Utilizando tal esquema, as atividades do eixo reflexão devem ser complementadas por atividades desenvolvidas sobre as do eixo uso da linguagem, organizando-se uma análise para verificar o funcionamento da linguagem em uso, observando-se a “escuta, leitura e produção, privilegiando alguns aspectos linguísticos que possam ampliar a competência discursiva do sujeito” (BRASIL, 1998, p. 36), entre os conteúdos destas atividades encontram-se “léxico e redes semânticas” (BRASIL, 1998, p. 36).

Nos conteúdos para prática de produção de textos orais e escritos sugeridos pelos PCNLP aparece também como conteúdo referente a textos escritos a “seleção apropriada do léxico em função do eixo temático” (BRASIL, 1998, p. 59), entendendo-se com mais clareza que aspectos do léxico devem ser priorizados. Ainda na produção de textos aparece a prática de análise linguística, nesta etapa o léxico também é lembrado, na “observação da língua em uso de maneira a dar conta da variação intrínseca ao processo linguístico” como um dos “diferentes componentes do sistema linguístico em que a variação se manifesta” (BRASIL, 1998, p. 60).

Por fim, os PCNLP trazem orientações didáticas específicas para alguns conteúdos, entre estes conteúdos está o léxico. As orientações de primeira mão afirmam que o trabalho com léxico é independente da apresentação de sinônimos, não aceitando o isolamento de palavras associadas a um significado pleno. Desta maneira, propõem que a escola organize atividades didáticas para que os alunos possam aprender palavras novas e empregá-las com propriedade.

Neste sentido, ressaltam que aprender novas palavras implica também conhecer o conjunto de unidades menores que envolvem estas palavras, que são os radicais, os afixos, as desinências que contribuem para a constituição do sentido, agregando ainda à articulação da palavra com outras na frase e, por vezes, na relação com o exterior linguístico, em função do contexto situacional.

De modo a completar esta orientação, os PCNLP indicam atividades que podem ajudar o aluno na construção de relações lexicais, para construir, progressivamente, um conjunto de estratégias de manipulação e processamento das palavras.

Análise dos textos

Apesar de conhecer os métodos mais utilizados este estudo optou por simplificar o método clássico de Templin (1957), ou seja, este foi aplicado em partes.

Na simplificação do método de Templin, embora tenha-se aproveitado a organização do *tokens* e *types* para a contagem dos léxicos, não se executou a fórmula para o resultado da TTR (*type-token ratio*), uma vez que logo na observação dos dados apresentados por Martins (2016, p. 1071) percebe-se que há grande diferença nos números de diferentes palavras, mas a taxa TTR é muito semelhante:

O excerto (1), extraído de um texto argumentativo do quinto ano, apresenta-se com 35 *types* distribuídos em 52 *tokens*, o que resulta numa taxa TTR de 0,67. No excerto (2), extraído de um texto argumentativo do décimo ano, há um total de 44 *types* para 56 *tokens*, o que resulta numa taxa TTR de 0,79.

Ainda mais, o próprio autor anuncia haver um problema com este método, pois, à medida que o texto se torna mais extenso com mais léxicos, há “maiores quantidades de *tokens*, mas a taxa de crescimento de palavras diferentes diminui proporcionalmente, ou seja, quanto maior for um texto, menor será a TTR” (MARTINS, 2016, p. 1071).

Mesmo porque, mais autores que recorreram a esta fórmula perceberam o problema, conforme afirma Martins (2016, p. 1071):

O problema imposto pela técnica TTR tem implicações na metodologia de uma investigação. [...] Conscientes do problema, alguns investigadores, como Biber (1995), por exemplo, limitam a análise a porções reduzidas dos textos do *corpus*, ou limitam-na a um número específico de *tokens*. [...] Para contornar os inconvenientes impostos pela medida TTR, outras formas de cálculo são propostas, como faz, por exemplo, Guiraud (1960), que corrige a relação dependencial entre a TTR e a extensão do texto, quer pelo recurso à raiz quadrada, quer a algoritmos. No entanto, Durán et al. (2004, p. 221) garantem que essas reformulações matemáticas não superam o problema.

Desta forma, este trabalho optou por anotar a quantidade de léxicos repetidos e calcular a porcentagem da repetição em relação ao número total de palavras do texto analisado.

Assim, para a aplicação do método, foram selecionadas produções textuais de um 6º ano e um 9º ano de uma escola estadual do município de Sinop-MT, totalizando 53 produções.

Os textos analisados são o resultado da produção inicial de uma sequência didática elaborada para tratar do gênero textual artigo de opinião. A sequência didática é um procedimento que, segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97-98), tem por finalidade “ajudar o aluno a dominar um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de maneira mais adequada numa situação de comunicação”.

Todos os textos foram lidos e a seleção se deu por aqueles que possuíam um número maior de variações lexicais. Contou-se, então, todas as palavras do texto, não calculando os artigos, preposições e conjunções por serem considerados como palavras morfemáticas, desta maneira este resultado tornou-se correspondente ao *tokens*, número total de palavras.

Por sua vez, contou-se também as repetições para subtrair do total de palavras obtidas nas produções selecionadas, atingindo assim o número de palavras diferentes, isto é, sem repetições e que correspondem ao *types*, o número total de diferentes palavras.

Nos 10 textos do 6º ano selecionados, o maior número de *tokens* foi 110, sendo que este mesmo texto obteve o maior número de *types*, 79. No entanto, se for observada a porcentagem de repetições, este texto é um dos que apresenta valores mais altos, obtendo 28,5% de repetição de léxicos.

O texto que teve o maior número de repetições atingiu 36%, obteve *tokens* 90 e *types* 58. A menor porcentagem de repetições foi 12%, em um texto com 44 *tokens* e 39 *types*.

O menor número de *tokens* obtido foi 31 em proporção a 27 *types*, obtendo a porcentagem de 13% de repetição de léxicos.

Já nos 8 textos do 9º ano selecionados, o maior número de *tokens* foi 127, sendo que este mesmo texto obteve o maior número de *types*, 113, obtendo 11 % de repetição de léxicos, tendo sido esta a menor porcentagem de repetições nestas produções.

O texto que teve o maior número de repetições atingiu 28%, obteve *tokens* 100 e *types* 72. O menor número de *tokens* obtido foi 63 em proporção a 52 *types*, obtendo a porcentagem de 17,5% de repetição de léxicos.

De acordo com a porcentagem de repetições encontradas em nossos resultados, é possível notar uma singela diferença entre o número de repetições dos léxicos nas produções textuais do 6º ano em relação ao 9º ano. Esta diferença revela que existe uma pequena elevação na diversidade lexical do 9º ano, ou seja, ocorreu um modesto desenvolvimento lexical.

Portanto, a mudança linguística percebida entre as produções textuais do 6º ano em relação ao 9º ano, e aqui denominada de desenvolvimento lexical, de acordo com Busse (2010, p. 43), “segue seu curso orientado pelas condições sociais da comunidade de fala. Os rumos que a inovação tomará e os caminhos que percorrerá dependerão das condições de encaixamento da mudança na comunidade de fala”.

Considerando que os textos analisados eram uma parte de um trabalho efetuado a partir de uma sequência didática elaborada para tratar do gênero textual artigo de opinião, é relevante relatarmos que na continuação desta foi realizada, pelos alunos, a refacção do texto (BORTONI-RICARDO, 2013) com intuito de adequá-lo ao gênero que era objeto de estudo nesta sequência didática. Nesta refacção, também utilizou-se o dicionário de sinônimos no laboratório de informática para a substituição dos léxicos repetidos e, conseqüentemente, à ampliação do léxico individual de cada estudante.

Considerações Finais

Ao encerrar a análise, constatou-se um modesto desenvolvimento lexical do 9º ano, o que caracteriza uma pequena elevação na diversidade lexical destes estudantes. Assim, respondemos aquela questão inicial, afirmando que a aquisição de novos conhecimentos pode ampliar o léxico do aprendiz.

No entanto, para que ocorra uma maior ampliação do léxico, de acordo com Seide e Hintze (2016) “a práxis educativa deve motivar a reflexão por parte dos alunos, tendo como

ponto de partida e ponto de chegada o uso linguístico”, neste mesmo sentido, os PCNs, (BRASIL, 1998, p. 34) afirmam que um dos eixos básicos para articular os conteúdos de Língua Portuguesa deve ser a reflexão sobre a língua e a linguagem.

Portanto, como os textos do 9º ano analisados para este estudo tiveram um detalhado trabalho com dicionário de sinônimos, cabe a nós professores implementar tais atividades em nossos planos de aulas sempre, mas principalmente quando houver produções orais e escritas.

LEXICAL DEVELOPMENT OF 9th YEAR STUDENTS IN RELATION TO 6TH YEAR IN A STATE SCHOOL OF SINOP-MT

Abstract - The present article has as object of comparative study of the lexical diversity in the textual productions of students of a 6th grade class and another one of 9th grade of the public school in the city of Sinop / MT. This research, therefore, focuses on observing the total number of words and how they are repeated in the course of the writing of such students, in order to evaluate if there is a considerable lexical development in the Portuguese language teaching in the period from intersection 6th to 9th years The work is justified, therefore, by the need to know this linguistic level of the students and to enable, from this form of investigation, the appearance of didactic activities that involve the acquisition of different lexicons and also situations of use to employ them, so that they become part of the individual lexicon of each student.

Keywords: lexical development; elementary School; written production.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental. MEC/SEF, 1998. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2018.

BIDERMAN, M. T. C. Terminologia e lexicografia. **TradTerm**, São Paulo, v. 7, 2001, p. 153-181. Disponível em: <www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49147/53230>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Métodos de alfabetização e consciência fonológica: o tratamento de regras de variação e mudança. **Scripta**, v. 9, n. 18, p. 201-220, 2016.

_____; RIBEIRO MACHADO, Veruska. **Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BUSSE, Sanimar. **Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná**. 2010. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina/UEL, Londrina, 2010.

DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

GENOUVRIER, E. ; PEYTARD, J. **Linguística e ensino do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1985.

MARTINS, Mário. A diversidade lexical na escrita de textos escolares. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, Cadernos de resumos, v.13, n.1, p.1068-1082, jan/mar 2016.

MUDIAMBO, Q. **Da lexicologia e lexicografia de aprendizagem ao ensino da língua portuguesa no II ciclo do ensino secundário**: 10^a, 11^a, 12^a e 13^a classes na E.F.P. “Cor Mariae” do Uíje. 2013. 276f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013. Disponível em: <<http://run.unl.pt/bitstream/10362/10963/1/QUIBONGUE%20Tese%20-19-12-2013.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

SANTOS, Elian da Silva *et al.* Diversidade e densidade lexical em textos escritos por alunos recém-alfabetizados: um estudo descritivo de produções individuais e em díades. **Calidoscópio Revista Unisinos**, v. 16, n. 1, p. 25-32, jan/abr 2018. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2018.161.03>. Acesso em 31 mai. 2018.

SEIDE, Márcia Sipavicius; HINTZE, Ana Cristina. O ensino do léxico na disciplina de português—língua materna, no Ensino Fundamental brasileiro. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 18, n. 2, p. 403-424, 2016.

VILELA, M. O léxico do Português: perspectiva geral. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 1, p. 31-50, 1997. Disponível em: < <http://revistas.usp.br/flp/article/viewFile/59644/62740>>. Acesso em: 23 abr. 2018

VYGOSTKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. (J.L. Camargo, trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PRETI, D. Norma e variedades lexicais urbanas. In: CASTILHO, A. T. de. **Português culto falado no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1989. p. 157-168.

Recebido em: 4 de maio de 2019

Aprovado em: 22 de junho de 2019